



Procuraremos, através deste trabalho, contribuir para o debate da relação Teoria & Prática na formação do professor de Educação Física. Diante desta questão instigante, apresentaremos alguns conceitos dos termos Teoria e Prática, com o intuito de introduzir a nossa reflexão sobre a questão, buscando relacionar, dialeticamente, os termos trabalhados com a vida diária da Educação Física.

O interesse em realizar este estudo nasceu a partir de contatos estabelecidos com estudantes, professores e profissionais que atuam na área, nas cidades de Viçosa e Nanuque, em Minas Gerais, e em Florianópolis -capital de Santa Catarina-, onde os mesmos colocavam que *"a teoria na prática é outra"*.

Por compreendermos Teoria & Prática como elementos que se completam numa relação dialética e com o intuito de tentarmos esclarecer o porquê da exis-

Alex Sandro Batista dos Santos *

tência desta concepção do senso comum de que *"a teoria não dá conta da prática"*, é que construímos os seguintes objetivos:

- evidenciar algumas conceituações sobre os termos Teoria e Prática;
- levantar as implicações causadas pela justaposição entre Teoria & Prática na formação do professor de Educação Física.

1) Algumas Conceituações Sobre Os Termos Teoria e Prática

1.1 - Teoria?!!! Que "coisa" é essa?

Para podermos compreender a relação entre Teoria & Prática, devemos, a princípio, citar o sentido etimológico das mesmas e os demais sentidos aos quais estes termos foram expostos, sob a ótica de algumas correntes filosóficas.

* Acadêmico do Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa-MG.

No seu sentido etimológico a palavra Teoria deriva do grego THEÓRIA, que quer dizer, contemplação, observação, etc. (Durozoi, 1993).

No sentido de ação do espírito, reflexão, contemplação de elementos práticos (mediados por uma teoria), podemos relacioná-la diretamente com os escritos dos filósofos gregos Sócrates e Platão.

Outro filósofo grego, Aristóteles, opõe-se a esta dependência enfocada por Sócrates e Platão, atribuindo que:

“(...)a teoria é uma forma de reflexão científica básica em todas as ciências do conhecimento, referida a elementos práticos apenas na medida em que - por ser vinculada ao processo concreto de investigação - jamais pode se erigir em um puro pensar-se em si mesmo do pensamento, exclusiva atribuição divina. A teoria científica do conhecimento (por exemplo, a física ou a psicologia) se realiza com base em um interesse puramente teórico pela verdade de enunciados fatuais, e por isso não pode ser retroativamente referida de modo direto à práxis humana.” (Schmied-Kowarzik, 1988, p.20).

Entretanto, esta visão de teoria não ficou “congelada” na história. Podemos verificar algumas semelhanças entre a concepção platônica de teoria e a visão do filósofo alemão Friederich Hegel. Vejamos:

“O Teoricismo hegeliano não consiste em negar a prática, como acontece no pensamento clássi-

co, mas em concebê-la de forma idealista, especulativa: como momento, de teoria, do saber, do auto-conhecimento do absoluto” (Vasquez apud Auras, 1990, p.4).

Esta prevalência da Teoria sobre a Prática, evidenciada nos filósofos idealistas, também pode ser encontrada no materialismo. No “*materialismo vulgar e no materialismo mecanicista*” (cf. Bazarian, 1988), podemos constatar a radicalização da separação aristotélica entre Teoria & Prática, através da maior expressão filosófica dessas escolas: o Positivismo. Este “*se esforça pela fundamentação de um auto-entendimento lógico das ciências do conhecimento isento de toda referência prática*” (cf. Schmied-Kowarzik, 1988, p.21).

Foi Marx quem rompeu com as conceituações de Teoria, tanto do idealismo, quanto dos materialismos vulgar e mecanicista.

Dentro da concepção marxiana temos a seguinte conotação de Teoria:

“É (...) na prática que encontramos o fundamento da necessidade da teoria, da necessidade de resgatá-la da degradação ideológica ou de enriquecê-la ali onde os conceitos fundamentais necessários para as análises concretas não existem ou são pobres e confusos. Só assim a teoria se põe à altura das exigências da prática e se pode alcançar a unidade necessária de uma e outra.” (Vasquez apud Auras, 1990, p.5).

1.2 - A questão da Prática

A palavra Prática, na concepção clássica, origina-se do grego PRĀGMA. Neste sentido significa “agir, em particular a atividade consciente no âmbito inter-humano(...)” (cf. Schmied-Kowarzik, 1988, p.19).

Marx, a partir das relações geradas pelo acúmulo do capital excedente, utiliza-se do conceito de dialética criado por Hegel para criar o conceito de práxis:

“Práxis é um termo grego derivado do verbo prateins, agir. Prática, ou conjunto de práticas, que, em Marx, permitem que o homem transforme a natureza por intermédio de seu trabalho transformando-se a si mesmo numa relação dialética” (Durozoi, 1993, p.377).

Ou ainda, segundo Schmied-Kowarzik(1988, p.21):

“(...) a doutrina da concepção do mundo do marxismo-leninismo vinculada a Marx, Engels e Lenin procura apreender teoria e prática como uma unidade existente sob o primado da prática, apresentado-se como um processo histórico-dialético”.

Bem, procuramos sintetizar os conceitos idealista e materialista dos termos Teoria e Prática, em suas escolas mais expressivas, com o intuito de fundamentar a discussão sobre a “justaposição” entre Teoria & Prática evidenciada na Educação Física.

2) Implicações Causadas pela Justaposição Entre Teoria & Prática na Formação do Professor de Educação Física

O que podemos observar, durante todo o tempo em que estivemos/estamos envolvidos com a Educação Física (na Universidade na qual estudamos, no Movimento Estudantil da Educação Física, em outras Universidades, em escolas e clubes no qual trabalhamos e tivemos contato), é que os profissionais e estudantes da área têm uma grande dificuldade em apreender os conteúdos apresentados nas obras relacionadas com a mesma. Além disso, também podemos encarar como condicionante, o fato dos acadêmicos não se interessarem em cumprir a sua principal função dentro da Universidade: estudar (além de pesquisar e fazer extensão). Ainda hoje, podemos notar o comodismo e a falta de interesse dos mesmos em explorar os conhecimentos oferecidos pelos docentes, principalmente, de cobrar uma atuação mais responsável e empenhada/compromissada politicamente por parte destes.

Entendemos que estes condicionantes, aliados à falta de criticidade dos nossos acadêmicos e profissionais (decorrente do ensino ao qual foram submetidos; que está a serviço de uma classe hegemônica que, para não perder seus privilégios, utiliza-se do “processo de massificação de um saber mecânico e acrítico”), são determinantes para a justaposição na relação Teoria & Prática evidenciada na Educação Física.

Em relação à justaposição entre Teoria & Prática, podemos dizer que:

"(...)a prática é considerada como simples instrumento ou mera técnica que aplica automaticamente regras, normas e princípios vindos da teoria. A teoria comanda a prática, esta não cria, não concebe. A criação/concepção parte sempre da teoria; a prática precisa adaptar-se aos ditames e exigências desta; só assim será relevante" (AURAS, 1990, p.06-07).

Dentro da Educação Física, este contexto torna-se fácil de ser percebido. As disciplinas são ministradas de forma que os estudantes fiquem condicionados a receber todo o referencial teórico, fragmentadamente, sem ligação com o exercício da docência (seja em escolas ou em clubes). Este exercício só é contemplado durante os últimos períodos do curso, no decorrer da disciplina "*Estágio Supervisionado*". Com isso, notamos que prevalece uma visão ingênua (e, em alguns casos, cômoda e acrítica) de grande parte dos docentes dos cursos de Educação Física, de que o acadêmico conseguirá traduzir para a prática docente todos os conhecimentos que ele foi "*obrigado a engolir como pastilhas*", ou seja, como se o acadêmico fosse um depósito onde o conhecimento é empilhado sem ser analisado criticamente e que, este conhecimento (teoria), se traduziria para a prática "*automaticamente*".

Esta visão de Teoria justaposta à Prática, começa a ser trabalhada, princi-

palmente, no âmbito das disciplinas esportivas. Os conteúdos teóricos ministrados nestas, raramente, têm uma relação "*orgânica*" com a prática. Além disso, os conteúdos, geralmente, são de ordem técnica, privilegiando a reprodução dos mesmos, impedindo, assim, que os estudantes criem, pensem e transformem a sua realidade.

Com os conteúdos ministrados desta forma, as conseqüências observadas sobre a formação do professor de Educação Física, são desastrosas. Estes, ficando condicionados a reproduzir os conteúdos aos quais são submetidos, não conseguem trazer para a prática (realizar a "*práxis*") outros referenciais que privilegiem a capacidade de criar, tanto do professor quanto do aluno, encarando tais referenciais como simples "*métodos*" e não como propostas pedagógicas que dão subsídios à construção de metodologias compromissadas em transformar e/ou emancipar os educandos. Com isso, "*na prática a teoria é outra*" mesmo. Desta forma, reforça a compreensão do porque que os estudantes não são ensinados a aprender e, muito menos, a ensinar. Parecendo, enfim, que não temos "*o que ensinar*".

Diante destas reflexões, entendemos que os cursos de Educação Física só conseguirão formar profissionais preparados para ensinar quando os seus currículos estiverem fundamentados na "*práxis*", ou seja, voltados para os fatos concretos (cf. Bazarian, 1988) do dia-a-dia da sociedade e da escola, sem desconsiderar os mesmos como fatores determinantes para a formação de profissionais aptos a compreenderem e transformarem a realidade.

É importante conferirmos estes conceitos levantados por BAZARIAN, pois o materialismo tem várias escolas, não podendo estas serem confundidas com a sua expressão máxima, que é o Materialismo Histórico-Dialético de Marx e Engels.

Entendo que isto se dá porque, nós acadêmicos, não somos ensinados a aprender e, muito menos, a ensinar. Não somos despertados, estimulados para a busca, a descoberta, enfim, para o pesquisar — o que gera dúvidas, desequilíbrios, desafios de sempre investigar, perguntar e conhecer (cf. OLIVEIRA, 1989, p.17-25).

Nos referimos a “método” como uma atitude mecânica, dando-se “(...)ênfase aos aspectos técnicos-científicos em detrimento dos filosóficos, epistemológicos ou ideológicos” (AURAS, 1990:11).

Bibliografia

- AURAS, Gladys Mary Teive. *A relação entre teoria e prática na formação do professor*. Florianópolis-SC, CED-UFSC, jul./1990 (mimeo).
- BAZARIAN, Jacob. *O problema da verdade*. 3.ed. São Paulo : Alfa-Omega, 1988.
- BÁSSOLIDE OLIVEIRA, Amauri Aparecido. “Análise crítica das disciplinas práticas do curso de E.F. da UEM”. *REF/UEM*. V. 0, n. 01, 1989, p.17 a 25.
- DUROZOI, Gérard & ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. Campinas : Papyrus, 1993.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1988.